

Vicente Sanches

Teatro

MCMLXXXVI

Este livro acabou de se
imprimir na Gráfica de
S. José, Castelo Branco,
em Maio de 1986

PEDRO LUCIANO

PEÇA DE TEATRO, CINEMA, ETC.

PRINCIPAIS PERSONAGENS:

FABIÃO MACÁRIO
ROSENDA MACÁRIO
PEDRO LUCIANO
JOEL
ADRIANA

I

Fabião Macário e Rosenda Macário, (o casal Macário) — almoçando. Mastigando. Deglutindo. Lambendo os beiços.

De súbito, entra pela porta dentro um desconhecido.

FABIÃO. — Quem é o senhor?!

ROSENDA. — Quem é o senhor?!

Breve silêncio.

O DESCONHECIDO. — Sou eu. Suponho que sou eu.

FABIÃO. — Não o conheço de parte nenhuma. Nunca o vi mais gordo ou mais magro!

O DESCONHECIDO. — Não me conhecem?

ROSENDA. — Não senhor, não o conhecemos!

O DESCONHECIDO. — Nesse caso, já sabem quem sou: sou — um desconhecido.

FABIÃO. — Homem, deixe-se de graças!

ROSENDA. — Que pretende você daqui?! Que quer de nós?!

FABIÃO. — E como foi que entrou? Quem lhe abriu a porta?!

ROSENDA, (Para o marido:) — Se calhar é um ladrão! Vem-nos roubar!

O DESCONHECIDO. — O roubado fui eu. Ladrões são vocês!

FABIÃO. — Oh senhor, o senhor re-

gula do juízo?!

ROSENDA. — Como diabo se introduziu nesta casa?! Saltando pela janela? Usando chave falsa?

FABIÃO. — Aparece aqui, de repente, misteriosamente, que nem um ladrão... ou que nem um fantasma! Explique-se!

O DESCONHECIDO. — Explico. Sou um fantasma.

FABIÃO. — Oh criatura! Irra! Deixe-se de graças!

O DESCONHECIDO. — Palavra: sou uma espécie de fantasma.

FABIÃO. — Acabe com o mistério! Ou eu telefono — e chamo a Polícia.

ROSENDA. — E você malha com os ossos na cadeia!

O DESCONHECIDO. — Um fantasma na cadeia! Será possível?

FABIÃO, (*Fazendo menção:*) — Vou telefonar, e logo veremos se é possível!

O DESCONHECIDO. — Poupe o telefonema. A Polícia vem a caminho.

ROSENDA. — Hein? Vem a caminho?

O DESCONHECIDO. — Sim. Porque a vossa criada já deu o alarme. — Quando eu bati à porta, ela foi abrir. Mal ela abriu, entrei à força. Ela julgou-me um ladrão, um assaltante, — e fugiu, a sete pés, berrando que ia buscar um polícia.

FABIÃO. — E o senhor — não se importa de ser preso?

O DESCONHECIDO. — Eu rio-me, no fundo, de todas as prisões.

FABIÃO. — Mas quem é o senhor?!

ROSENDA. — Quem é o senhor?!

O DESCONHECIDO. — Eu sou — o dono desta casa.

FABIÃO. — Hein?! Ai peço-lhe muitíssima desculpa, mas o senhor labora num grande engano. Enredou-se num grande equívoco! O dono desta casa — sou eu.

O DESCONHECIDO. — Você? Com que direito?

FABIÃO. — Com o direito de a ter comprado, e já há muito tempo, com o meu dinheiro.

O DESCONHECIDO. — E você cuida que o dinheiro — compra tudo?

FABIÃO. — Pelo menos, compra coisas. Compra casas. E há quem diga que até compra pessoas; que até compra almas.

O DESCONHECIDO. — Certas almas — não se vendem.

FABIÃO. — Deixemos as almas. Eu não comprei uma alma. Comprei uma casa!

O DESCONHECIDO. — Certas casas — têm alma.

FABIÃO. — Eu cá não acredito em espíritos nenhuns, quanto mais no espírito de uma casa!

O DESCONHECIDO. — Por isso mesmo a tua presença — profana, macula o espírito desta casa.

FABIÃO. — Bolas para o espírito. Ponha-se mas é no olho da rua!

O DESCONHECIDO. — Eu é que te venho escorraçar!

FABIÃO. — Escorraçar-me?! A mim?! Atreva-se! Atreva-se!

ROSENDA. — Acalma-te, Fabião, que o tipo é doido e pode vir armado!

O DESCONHECIDO. — Justamente:

venho armado. Armado de uma força superior!, — quase sobrenatural.

FABIÃO. — Mas com que direito, com que direito alguém me expulsa — do meu domicílio?!

O DESCONHECIDO. — *Meu.* Muito *meu.*

FABIÃO. — Seu?! Que direito, que jurídico direito — possuí você sobre este prédio?

O DESCONHECIDO. — Não se trata de um direito — jurídico; trata-se de um direito — sagrado.

FABIÃO. — Qual direito sagrado?!

O DESCONHECIDO, (*Breve pausa.*) — Não te explico. Não compreenderias!

FABIÃO. — Vamos a ver se lá na Esquadra — compreendem!

O DESCONHECIDO. — Os polícias? Também não compreendem, com certeza.

FABIÃO. — E então, como tenciona você fazer valer esse direito — *sagrado?* Os tribunais...

O DESCONHECIDO. — Também não compreendem, com certeza.

FABIÃO. — Qual é, por conseguinte, o seu plano?, a sua ideia?, o seu objetivo?!

O DESCONHECIDO. — Dispensar tribunais; dispensar juizes. Fazer justiça — pelas minhas mãos!

ROSENDA. — Justiça?! Mas a que raio de veneta — chama você justiça?!

O DESCONHECIDO. — A uma ordem! A esta ordem! Que eu vos dou!: sem admitir discussões!: — fora! Ouviram?! É uma ordem! Que eu vos dou! Fora! E

depressa! Desapareçam da minha casa! Sumam-se da minha frente! Já! Já!

Silêncio. Breve-longo silêncio...

FABIÃO. — Cavalheiro!: tenha paciência! Tenha muita paciência!: mas daqui — não abalo! Nem à bala!

O DESCONHECIDO. — Nem à bala? Pois eu garanto-lhe que a menos, a menos do que à bala — você daqui abala! Quer dizer que nem precisarei — disparar um tiro! Percebe? Basta muito menos, para você fugir! Basta atirar este copo à parede: como aviso, entende?, como solene aviso de lhe atirar com outro copo à cara!: às ventas!: ao focinho!

E o desconhecido — executa. Esmigalha um copo na parede, por cima da cabeça de Fabião. Acto contínuo, Fabião e Rosenda raspam-se num pulo, e num grito; ou em dois pulos, e dois gritos... Ou mesmo em vários pulos, e vários gritos.

O desconhecido não os persegue; não corre atrás deles. Mas o acto violento de partir o copo — desperta-lhe, puxa-lhe mais violência. E desata a partir mais copos, e pratos, e travessas, — toda a loiça que ali topa a jeito. Bombardeia com a loiça os móveis, os trastes: dois enormes retratos de Fabião e Rosenda, dois espelhos